



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPRIEDADE E CULTURA DO MINHO. ESTUDO DE ECONOMIA RURAL.

SAMPAIO, Alberto

Ano: 1888 | Número: 5

Como citar este documento:

SAMPAIO, Alberto, A Propriedade e cultura do Minho. Estudo de economia rural. *Revista de Guimarães*, 5 (2) Abr.-Jun. 1888, p. 49-70.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A PROPRIEDADE E CULTURA DO MINHO

(Estudo historico e d'economia rural)

PRIMEIRA PARTE

(Fragmento)

III

OS HOMENS

É hoje fóra de duvida, depois das tão celebradas explorações archeologicas do Sr. Sarmento, que os antigos habitantes do Minho viviam no cimo dos montes em pequenos povoados, conhecidos tradicionalmente pelo nome de *citánias*, *cinánias*, *cividades* ou *castros*.

Estes grupos de casas redondas, contiguas, cercadas de duas ou mais séries de grossas muralhas de defeza, com ruas estreitas e tortuosas, abundam por toda a parte, e é raro haver monte escarpado e ingreme que não seja coroado por alguma d'estas ruinas, identicas, mostrando por isso homogeneidade de raça e costumes.

Os seus habitadores eram com certeza muito rudes, estacionarios sem duvida por causa do seu isolamento ou separação ¹ n'um canto remoto da Europa, mas tendo já uma civilisação, provavelmente a que trouxeram comsigo, como demonstram os finos labores das pedras, os restos de ceramica, e objectos

¹ F. Martins Sarmento : *Os Argonautas*, cap. XII e especialmente pag. 257 e seg.

d'adorno, encontrados em muitas, como se pôde avaliar pelos exemplares colligidos no Museu da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, em Guimarães.

Qual fosse a estirpe ethnographica d'essa gente não o puderam dizer com precisão os archeologos congressistas, reunidos em 1880 na Citania de Briteiros, maravilhados á vista d'essas ruínas e restos, representando segundo o voto geral uma reunião de muitas estações prehistoricas, desde a Irlanda até aos objectos encontrados em Mycenae por Schliemann.

Recentemente o Sr. Sarmiento ¹ criticando os dados relativos á antiga população do Occidente, concluiu que os povoadores das *citánias* pertenciam á familia chamada *Ligur* que occupava todo o poente e meio-dia da Europa, quando a invasão celtica partiu a unidade d'esse mundo, deixando os de cá separados e isolados d'elle e n'um estado primitivo em que os vieram encontrar os romanos, seus consanguineos.

Seja como fôr, esta população ligurica, pura ou mesclada, antes da occupação romana e evidentemente durante ella até á chegada dos invasores do norte, tinha uma distribuição muito diversa da actual.

Vivendo em grupos urbanos nos pincares, em povoações de casas pegadas, o que indica um parentesco latino, cercados de terras bravias, como se pôde verificar ainda hoje, e improprios para qualquer cultura, a sua vida devêra ser mais pastoril ou de caçadores que d'agricultores propriamente ditos.

Se escolheram tal situação, ou porque d'esses cerros elevados podiam avistar a maior distancia os agressores e defender-se mais facilmente, ou se tinham chegado por mar, as ondulações do terreno representando as vagas, quando não era possivel vel-as ao longe, lhes recordariam melhor a patria abandonada — é certo porém que essa situação era a mais impropria para cultivar as boas terras, no fundo, distantes e com grande difficuldade de transito, sobretudo para um trabalho de todos os dias.

A agricultura, dadas estas condições, havia de ser muito limitada: todavia o gado miúdo seria cuidadosamente tratado e guardado nos estreitos compartimentos proximos ás casas, munidos com argolas de pedra: os grandes animaes poderiam ser recolhidos entre a primeira e a segunda ordem de muros;

¹ Obr. cit.

em todo o caso os habitantes deviam tirar a sua principal alimentação quer d'esse gado, da caça e dos fructos silvestres, como permitem presumir as glandes carbonisadas, descobertas em Briteiros. Serviriam para reduzir estas a farinha as mós toscas e manuaes que se encontram em grande quantidade em qualquer d'estas ruinas, ou conheceriam já os grãos panificaveis ?

N'este teor de vida, a população acastellada nos penhascos, o mato, a urze, as silvas e toda a vegetação espontanea dos paizes graníticos cobrindo a maior extensão, vieram encontrar a provincia os romanos, não devendo por fim estranhar estes agrupamentos, fechados por grossas paredes de pedraria que lhes haviam de relembraar as antigas povoações italiotas. Quaesquer que fossem estes barbaros, eram como elles, como todo o mundo italo-grego, uma gente de cidades. ¹

Assim o supuzeram muitos escriptores da antiguidade classica, como Justinus, Plinius, Sil. Italicus e outros ; surpreendidos pela semelhança de costumes, ritos, pronuncia, typos etc. d'estes povos com os gregos, entenderam ser de tal origem os que estacionavam ao norte do Douro, attribuindo-a á fundação de colonias hellenicis. ² Os eruditos modernos encontravam a grande difficuldade de explicar como e quando taes colonias se fundaram. Admittida porém a theoria luminosa do Sr. Sarmento, todas as duvidas desaparecerão, salvando-se a affirmação explicita dos antigos. Esses homens de raça italo-grega, tinham vindo para a peninsula na mesma época, em que aquella se fixou nas costas e ilhas do Mediterraneo. Mas os que avançaram para estas grandes paragens, separados e destacados d'esse grande mundo da Grecia e Italia, pela chegada dos celtas, ficaram estacionarios, conservando a primitiva civilisação que possuíam, quando emigraram para aqui.

Immobilisados na *do bronze*, ignorando os progressos posteriores, visto terem-lhes sido cortadas as communicações com

¹ Michelet : *Hist. de France* 1, pag. 12.

² Póde-se vér em Argote, *Mem. H. Ec. Ar. B.* 1, cap. iv, a reunião e discussão de todos os textos dos escriptores latinos e gregos a este respeito. Veja-se tambem Amaral, *Mem. de Litt. da Acad.* vol. 1, pag. 17-19 e 26. Herculano, *Hist. de Portug.* 1, pag. 17, admite a existencia de colonias gregas nomeadamente nas margens do Minho e Douro, subindo pelas suas fozes.

a descida dos celtas, não é de estranhar que esse character archaico da sua sociedade, já observado pelos viajantes gregos que os visitaram depois da queda de Carthago, se prolongasse até á chegada dos romanos.

A primeira expedição d'estes que entrou na provincia foi commandada por Decius Junius Brutus em 138 A. C. : vindo do sul atravessou o Douro e venceu os povoadores das citanias até ao rio Minho. Refere-se a este general a legenda do Lima, cuja passagem os soldados receavam por medo do esquecimento. ¹

A campanha, se augmentou os louros do consul por se ter aventurado tão longe e entre gentes tão desconhecidas, contudo pouco mais foi que um reconhecimento. Partido o exercito os barbaros voltaram á sua independencia. Depois, cre-se, Julius Caesar tambem aqui entrara (72-60 A. C.), mas mais por necessidade d'uma manobra militar, que com o fim de a subjugar. A redução completa ao dominio de Roma deve datar-se desde Augustus (26 A. C.): em seguida ás suas victorias sobre os cantabro-asturianos e por fim desde as d'Agrippa, a Espanha pacifica-se e com a paz geral começa a romanisação da provincia.

Foi Augustus quem estabeleceu uma nova divisão na peninsula, em virtude da qual o Entre-Douro-e-Minho foi destacado da Lusitânia e encorporado na Galiza, que ficou pertencendo á Terraconense; dividida aquella em duas circumscripções juridico-administrativo-militares, *conventus juridici*, uma d'ellas teve Braga por capital e por isso se chamou Augusta: comprehendia esta ultima além do Minho actual a léste aproximadamente o moderno Traz-os-Montes e ao norte entrava pela Galiza dentro. ² Abrangia segundo Plinius ³ 24 *civitates* e 175:000 chefes de familia (*capitum*) ou familias. Quaesquer que fossem os seus limites precisos, esta divisão não foi tão transitoria como muitas outras. Sobreviveu ao imperio e che-

¹ Argote: *De Antiq. Conv. Brac.* pag. 28.

² Idem: *Mem. H. Ec. Ar. B.* I, pag. 79.

³ *Nat. Hist.* Livro III, IV — Edic. Fir. Didot.

gou com o mesmo nome de *conventus* ao seculo v, como logo se verá, e mais tarde apesar dos extraordinarios acontecimentos do VIII foi com fronteiras um pouco alteradas o Condado Portugalense.

Todos esses povos e gentes mencionados por Plinius, como os deixados de proposito por elle em silencio pelas suas designações serem demasiadamente barbaras, e os que se acham inscriptos na Lapide de Chaves, ¹ todas essas povoações conhecidas d'uma maneira vaga e indeterminada pelos escriptores antigos, não eram mais que as *citánias, civitates et castella*, como subsequentemente as denomina Idacio, conservadas e habitadas pelos conquistadores, pois tambem era d'elles essa vida *more latino*. Nem pôde soffrer a menor contestação que n'ellas residiram durante quasi todo o seu dominio, como provam os numerosos vestigios ahi encontrados desde as inscrições em latim até á moeda de Constantinus, achada em Briteiros. ²

Não cabe no quadro presente o estudo especializado da administração romana, o que aliás já está feito e bem feito: ³ mas sómente consideral-a nos termos mais geraes sob o ponto de vista da civilisação provinciana.

Vencida a população, os conquistadores começaram uma obra mais profunda e duradoura que as glorias militares. Estabelecidos em Braga, a séde do governo, e percorrendo as outras povoações, foram elles que lhes ensinaram a aproveitar as suas terras, o direito da propriedade, os diferentes modos d'adquirir, a delimitação das glebas com marcos, etc.; e deram-lhes a sua palavra *villa* para designar uma propriedade rustica, termo que sobreviveu a todas as invasões e devastações posteriores até chegar quasi á fundação do estado portuguez.

Assim, quando em consequencia das novas necessidades, a vida se tornou mais exigente e foi preciso augmentar e melhorar a cultura, se é que esta já existia antes, começaram então a despontar as *villas* (casas de campo) e *villares* (logares abertos de poucos focos sem arruamento) abrigados pelas

¹ Argote: *De Ant. Conv. Br.* 114. Florez, *Esp. Sagr.* iv, 313, rectifica a lição d'Argote.

² F. Martins Sarmiento: *Argonautas*, pag. 288.

³ Amaral: *Mem. de Litt. da Acad.* tom. II.

citánias que seriam como os centros urbanos, em volta dos quaes se desenvolvia a agricultura e civilização romanas.

Sirva d'exemplo o seguinte facto. A meia altura do monte, onde estão as ruínas da Citania de Paços de Ferreira, na vertente de Roriz (concelho de Santo Thyrsó) encontraram-se no logar hoje chamado da *Senhora de Negrellos* uma lapide funeraria romana e o resto d'uma columna votada a Jupiter, colleccionados no Museu da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. A população expandindo-se, descera já do pincaro agreste para as proximidades das terras ferteis. Exemplos d'estes, encontrando-se commummente, mostram a transformação operada nos costumes anteriores, e como uma nova ordem de coisas emergiu sob o influxo d'uma direcção superior.

O dominio romano durou aproximadamente 437 annos; durante este longo tempo a provincia em paz e em relações intimas com os dominadores, seus parentes proximos, saiu rapidamente do immobilismo anterior; e fundindo-se na sua civilização, romanisou-se, como se costuma dizer, por completo.

Esta romanisação teve innegavelmente a maior importancia desde a lingua culta que aprendeu até ao direito, instituições civis e administrativas e a agricultura que d'elles recebeu. E tão forte foi e tão profundamente penetrou esse ensino que quando os conquistadores desapareceram, a sua civilização ficou para nunca mais se extinguir.

Não se limitando a sua acção a este ou áquelle ponto, mas estendendo-se a toda a superficie, mesmo aos mais remotos, d'esta época encontram-se monumentos dispersos por toda a parte: constroem-se as famosas vias militares, por onde juntamente com os exercitos circulam as idéas e a nova vida; e a cada passo se topam cemiterios, columnas, lapides funerarias e votivas, restos de templos, tudo emfim o que deixa um povo civilisado.

Se é verdadeira a indicação de Plinius, quanto ás 175:000 familias, todo o *convento juridico* de Braga teria uns 700:000 habitantes, e o Minho, representando aproximadamente uma quarta ou quinta parte da circumscripção, seria habitado por umas 140:000 ou 175:000 pessoas.

Este numero é todavia muito áquem da verdade: basta considerar que as *civitates* (citánias) deviam ser muitas mais que as vinte e quatro referidas pelo escriptor, a avaliar pelas ruínas existentes só n'esta região. Por isso é de crêr que mencionasse apenas as mais importantes, deixando de lado as so-

menos, cuja somma comtudo eleva notavelmente a população. Mas dobrada esta, será ainda assim muito inferior á actual.

Esses homens fortes e duros, pois escolheram para sua residencia os cerros mais desabrigados e inhospitos onde arrostavam bravamente com as intemperies, eram com certeza intelligentes e bons, porque souberam aprender e ganharam depressa o tempo perdido.

Possuindo já uma extensa agricultura e um elevado desenvolvimento social, com a assimilação das novas instituições, foram em seguida subjugados por outros conquistadores que, substituindo-se aos anteriores, occasionaram um novo periodo historico.

No principio do seculo v o dominio romano chegava ao seu termo: a civilização introduzida por elle vae parar ou retrogradar pelas guerras e devastações, provocadas pela irrupção dos povos germanicos.

Em 409, Gerontius, encarregado de guardar os Pyrenéos pelo filho de Constantinus — o soldado de fortuna revoltado contra o imperador Honorius, abre as portas da Espanha aos vandalos, alanos e suevos.

Durante o primeiro periodo a invasão passa como uma corrente desordenada, seguindo-se-lhe a fome e a peste, descriptas extensa e terrivelmente pelo contemporaneo Idacio, bispo de Chaves: descripção muito conhecida, mas certamente assaz exagerada, por quem via a ordem antiga arruinada e o seu paiz invadido por estrangeiros. Essas duas pragas deveram grassar com intensidade, matando bom numero de pessoas, mas não de tal modo que destruíssem quasi a população, vista a resistencia immediata que encontraram os invasores.

Esta fome e peste, consequencias fataes da imprevidencia barbara, segundo a phrase de Michelet, apparecendo em todos os paizes invadidos, propagaram-se tambem na Galiza, onde os novos conquistadores chegaram em 411 ¹ e provavelmente por causa d'esse estado anormal se apressaram no mesmo anno a dividir entre si a Espanha *ad pacem ineundam*. ²

¹ *Esp. Sagr.* iv, pag. 303.

² *Obr. cit.* mesmo tom. Apendice.

Ficam na Galiza os suevos e vándalos: mas estes são pouco depois expulsos pelos primeiros, que se fixam n'ella para nunca mais a abandonar, quer como reino independente quer como vassallos dos visigodos.

Os suevos pertenciam á confederação dos alemani ou alemaens, da familia teutonica e occupavam o sul da Germania. Tinham passado o Rheno por 406 e andavam guerreando e saqueando a Gallia, quando Gerontius os chamou para sustentarem Maximus que elle acabava de proclamar imperador.

Raça de tribus, acostumada a viver em logares abertos, habitando terrenos vastos, desconhecendo a propriedade territorial, guerreira e desprezando a agricultura, imprevidente pelo costume de mudar de sitio amiudadas vezes, e principalmente n'essa época dominada pelo desejo de correr mundo — era de vêr a impressão que sentiriam n'um paiz de cidades fechadas, onde tudo estava definido por uma legislação refinada e meticulosa: porventura a mesma que seculos antes, na primeira invasão, os gaulezes receberam na Italia em face dos muros cyclopeos das cidades etruscas.

Antes que se entendessem uns e outros, homens da cidade e da tribu, deveriam sustentar entre si luctas porfiadas, produzindo os vexames, rixas, roubos e morticínios a que se refere constantemente Idacio no seu Chronicon.

A Galiza tornou-se então um extenso territorio, incluindo todo o canto noroeste da península, limitada ao sul pelo Douro e a léste quasi por uma linha desde este rio, passando um pouco adiante de Placencia, até terminar em Santander.¹

N'esta vasta extensão que contém hoje a Galiza, Asturias, Leon, parte de Castilha velha e o norte de Portugal, a raça devera ser homogenea, e a sua historia é identica até á formação dos modernos estados peninsulares. Mas no caso presente convém distinguir a parte relativa ao Minho, objecto d'este estudo.

Idacio não precisa, como era de desejar, os diferentes tractos, senão incidentalmente e sempre d'uma maneira vaga. Todavia o Minho é designado por elle com a denominação de *confins* da Galiza.

Quando Rechiar foi vencido por Theodorich junto de Urbedo, diz no anno 456 que o suevo fugira *ad extremas sedes*

¹ Ob. cit. mesmo tom. Carta.

Gallæciæ, acrescentando *ad locum qui Portucale vocatur*. Falando da entrada do vencedor em Braga, nota *ad Bracaram extremam civitatem Gallæciæ*. O antigo districto romano parece subsistir ainda, pois escreve *In conventus parte Bracarenensis*.

Sabe-se como os germanos procediam nas suas invasões. No primeiro momento destruíam tudo. Depois quando attentavam no bello edificio da civilisação romana e viam que a destruição cega apenas produzia a fome e a peste, uma vez cantonados n'uma região, tratavam de se amoldar mais ou menos aos costumes dos vencidos, n'um estado muito superior de desenvolvimento.

Os godos tomaram na Aquitania duas terças partes das terras e um terço dos escravos; outros, os herulos e lombardos, contentaram-se com um terço de tudo. ¹ Esta divisão não era tão vexatoria como parece hoje, se se considerar o abandono da cultura, que tinha acontecido n'esse tempo, pelas insaciáveis exacções do fisco. Alojados nas casas dos vencidos, alguns de character mais dôce, conservavam para com estes a mesma cortezia dos antigos clientes, como dos burgundes conta Sidonius. ²

Quando o imperio se desconjunta, a situação era intoleravel para os povos dominados por uma machina formidavel. Dir-se-hiam escriptas para caracterisar a avidez tributaria dos nossos governos as seguintes palavras d'Orosius: « *ut inveniantur jam inter eos quidam Romani, qui malint inter barbaros pauperem libertatem quam inter Romanos tributariam sollicitudinem sustinere.* »

A Espanha governada pelas mesmas leis estava em circumstancias identicas: e o mesmo Idacio não hesita em chamar *tyrannicus* ao *exactor* (an. 410) que á chegada dos invasores fugira cobardemente levando consigo as *opes et conditam in urbibus substantiam*.

No primeiro momento cada um se defende como pôde: immediatamente depois começam as embaixadas, que duram por todo o seculo, entre os galegos e os godos, pedindo aquelles protecção e mandando estes legados com as condições da paz,

¹ Michelet : *Hist. de France* 1, pag. 174.

² Ob. cit. pag. 175.

que não podiam ser outras senão as mesmas ou semelhantes ás estabelecidas pelos godos em relação aos seus romanos.

Todavia essa paz estava sempre a ser perturbada: parte da população vivia em povoados fortificados, e só a esta se refere Idacio, sendo omisso a respeito da que residia nas *villas* e *villares* abertos, cuja existencia anterior já se verificou.¹

Foi aqui sem duvida onde se alojaram os invasores á sua chegada: e d'ahi acometteriam as citanias e os castros, d'onde partia a resistencia. Com os habitantes das *villas* firmavam a paz, segundo o costume wisogotico, como é de supôr por terem sido as condições dictadas por estes, quebrando-a com os outros.

O alojamento e divisão de bens constituem, é de crêr, a *servitudo*, a que os hispanos se sujeitaram: mas seria ella maior que a infligida pelo *tyrannicus exactor*? Parece que não: o mesmo Idacio que tambem foi embaixador, apenas lamenta que os suevos não guardem as condições da paz, e por isso os denomina *perfidî et fallaces*: mas isso naturalmente não podia acontecer, vista a resistencia das cidades fechadas, em que os hispanos se recolheriam a proposito de qualquer dissenção e d'onde sairiam em escaramuças.

A pacificação só se estabeleceu de vez, acaso quando as *civitates et castella* foram reduzidas e a situação se tornou a mesma para todos. A opposição dava-se principalmente nos *medias partes Gallæciæ*, emquanto nos *extremas* (na nossa região) não ha nenhuma nota de resistencia nem de pilhagens militares. A mencionada em 458 na parte *adhærentem flumini Durio*, refere-se antes a uma transmontana marginal ao Douro, vista a differença da designação.

O chronista, é certo, dissera em 456 — *In conventus parte Bracarensis latrocinantium deprædatio perpetratur*. N'este anno foi a grande batalha de Urbedo e não admira que quasi desfeito o regime suevo pelos wisigodos, houvesse aquella *deprædatio*, como acontece em casos taes. A nota do accidente indica pelo contrario uma anormalidade, e portanto que tudo estava antes no *convento bracarense* em estado regular.

E de facto sendo Braga a capital do reino suevo ou de parte d'elle, a actual provincia do Minho, que a cêrca, teria aceitado logo o dominio dos invasores, vivendo os galegos

¹ Vid. exemplo de pag. 54.

d'estes sitios em boas relações com elles, posto haver resistencia nos pontos mais distantes.

Aquí deviam concentrar-se as suas principaes forças por ser a terra limitrophe com a Lusitania, onde faziam continuas correrias, chegando a estender o seu reino ao Cabo da Roca.

O dominio suevo findou em 585, quando Leuwigild, aproveitando-se d'uma dissensão, entrou na Galiza, derrotou Andeca, e encorporou o reino no dos wisigodos, substituindo-se estes no governo aos outros até ao principio do seculo VIII, em que uma nova invasão veio confundir tudo outra vez.

E assim imperaram sem interrupção durante tres seculos os suevos e wisigodos, acabando por se fundirem nos antigos habitantes.

No seu dominio desapareceram as citanias, conservando-se os castros para a defeza, vindo a população misturada viver nas *villas* e *villares*, facto da maior importancia sob o ponto de vista cultural, determinado tanto pelas condições do terreno, como pela convivencia, mistura e adopção dos costumes dos homens do norte. Desde então acabou-se para os cultivadores do Minho a vida *more latino*.

Se a influencia ethnica não foi tão forte que se dêsse uma germanisação completa, não se pôde tambem duvidar que boa porção do novo sangue fosse absorvido, e mostre a sua influencia sobretudo no character e desenvolvimento intellectual, se não tambem em certo ponto na conformação dos individuos, como adiante se notará com mais extensão.

O dominio d'estes não parou de golpe: mas continuou na direcção dos negocios, costumes, legislação e formação da população.

Posto que o latim barbarisado com o dialecto popular seja a lingua dos documentos do seculo VIII por diante, tanto dos relativos ás Sés de Lugo e Oviedo, como desde o IX dos referentes á provincia portugalgense, as assignaturas das partes contratantes e das testemunhas, nobres ou villans ao norte do Douro, são de hispano-suevos ou godos romanisados, o que basta para indicar desde já como d'esses elementos confundidos e misturados, em virtude da nova invasão, se formou a sociedade asturo-leoneza, da qual procedeu a nossa do Minho actual.

Com o seculo VIII chegamos á dominação arabe, cuja in-

fluencia se deve considerar nulla sob qualquer ponto de vista.

A batalha de Chryssus, que franqueou a Espanha aos sarracenos, aconteceu em 711 segundo uns, ou em 714 segundo outros: ¹ e posto a conquista fosse pouco mais que um passeio militar em consequencia da dissolução e dissenções dos wisigodos, parece comtudo que os novos invasores só chegaram a Galiza e portanto ao Minho em 716, sendo Braga, a cidade d'esta localidade a mais importante, conquistada n'esse anno. ²

A guerra da reconquista começou quasi immediatamente, datando as primeiras batalhas de Pelayo de 718 ou 719. Succede-lhe seu filho Fafila, cujo reinado foi curto e obscuro, vindo por sua morte a occupar o throno em 739-757 seu cunhado, Affonso I.

A primeira campanha d'este heroico batalhador effectuou-se a sudoeste, e foi empreendida logo nos primeiros annos do seu reinado, isto é, por 740. ³ Descendo das Asturias, Galiza abaixo, levou tudo a ferro e fogo até ao Douro, ou como diz o Chronicon Abeldense — « *Campos, quos dicunt Gothicos, usque ad flumen Dorium cremavit & Christianorum Regnum extendit.* » ⁴

Se a campanha foi executada n'um anno ou se gastou mais tempo não se pôde averiguar com exactidão: sendo certo, consoante o dizer do chronista, ter-se feito a limpeza dos inimigos d'um jacto, com intervallos necessarios, está visto, para mover o exercito: parecendo todavia que a tomada de Lugo, a cidade melhor fortificada da região, amedrontou os intrusos e facilitou a reducção de todo o territorio até á linha do Douro. ⁵

Mas o grande rei asturiano não se limitou a fazer uma correria meramente ou uma simples campanha de reconquista: praticou demais um acto extraordinario, a que é necessario dar toda a importancia, quando se trata de discriminar as moleculas componentes da população.

Este acontecimento é declarado por Seb. de Salamanca; mencionando uma superficie reconquistada maior que a expres-

¹ Argote: *Mem. H. Ec. Ar. B.* III, pag. 271.

² *Esp. Sagr.* tom. 40, pag. 87 e 101; Argote, *Obr. cit.* pag. 273.

³ *Esp. Sagr.* tom. 37, pag. 96.

⁴ *Esp. Sagr.* tom. 13, Apendice VI, §. 52.

⁵ *Obr. cit.* tom. 40, pag. 87, 88, 92 e 93; Tom. 15, pag. 168-169.

sa pelo Chronicon Abeldense, depois de indicar as cidades retomadas nomeia entre as quatro primeiras *Portucalem* e *Bra-cararam Metropolitanam* e acrescenta: — « *Omnes quoque Arabes occupatores supradictarum Civitatum interficiens, Christianos secum ad patriam duxit* »: passando á espada todos os musulmanos, levou consigo os christãos: e não só os que residiam nas cidades mas tambem os que habitavam no campo, pois no fim da relação d'estas escreve — « *exceptis Castris cum Villis & viculis suis.* » ¹

Os arabes alojados nas cidades por propria defeza e como expressamente diz o chronista, são mortos ou expulsos uns vinte e tantos annos depois da sua entrada: e a população antiga é tirada em massa de suas casas e forçada a emigrar para as Asturias.

Este factio notavel, como lhe chamou o illustre Herculano, ² marca um d'estes estadios em que de repente se suspende todo o desenvolvimento social: as revoluções e conquistas passam, ficando sempre o povo apegado ao solo. Agora porém temos um acontecimento de ordem muito diversa.

Foi uma despovoação completa, ficou tudo ermo e abandonado?

Herculano crê effectivamente n'este despovoamento, que limita á linha do Douro, em virtude de ser o texto do Chronicon Abeldense um pouco mais antigo que o de Salamanca. E a sua presumpção é justa, como dos factos aduzidos adiante se verá. O Minho comprehendido n'aquella demarcação, isto é, nos *campos gothicos*, foi então uma d'essas *cinctas de desertos*, com que a monarchia asturiana se cercou no principio, deslocando-as á medida que avançava na reconquista. Só com tal emigração forçada se pôde explicar, segundo o eminente historiador, a sublevação dos servos no tempo de Aurelio I, sendo mais tarde o nervo principal da reacção neo-goda.

População urbana e rural, vê-se, ter havido uma deslocação completa, uma leva geral. Todavia os habitantes das *villas* e *villares* afastados e longe dos caminhos mais trilhados deveram ficar; com toda a probabilidade seriam esquecidos. Esses, guardados pela sua posição, para elles não haveria invasores. Outros como o Bispo Odoario e os seus companheiros vaguea-

¹ *Esp. Sagr.* tom. 13, Apendice VII, §. 13.

² *Hist. de Portug.* III, pag. 178-180.

riam em bandos pelos cimos inhospitos dos montes, para onde os levava a necessidade da defeza; e talvez d'essa fugida para ahi diante do novo inimigo ficasse a tradição, que ainda dura, de serem as citanias cidades do tempo dos mouros, se não é mais certo provir, como lembra o Sr. Sarmento, ¹ d'uma confusão no espirito popular entre estes, e os antigos pagãos, seus habitadores.

O costume de voltar para os altos em conjuncturas d'estas repetiu-se modernamente durante a invasão franceza: a população rustica abandonava as casas e estacionava por lá emquanto duravam as provisões, vindo furtivamente abastecer-se: partido o inimigo regressava aos seus casaes, repetindo-se o facto muitas vezes em certas localidades: e não em poucas se confundem na memoria do povo as duas invasões, distanciadas de tantos seculos.

Esta desordem de tudo e de todos era natural diante d'esses inimigos, de raça, costumes e sobretudo de religião diferente e contraria.

Em presença d'elles, adversarios crueis dos homens e da fé, quando ainda a convivencia, que no sul produziu o *mosarabe*, não tinha provado a sua tolerancia e a possibilidade da vida em commum, o terror á morte, ao captiveiro, e sobretudo á perda da religião, provocaria essa debandada para os sitios ermos.

Esta situação, que por força devia dar-se nos primeiros tempos, é confirmada pelo testamento do Bispo Odoario, ² que andou fugido e vagabundo, *fecimus moram per loca deserta multis temporibus*, com os seus companheiros, parentes, amigos e servos, *cum nostris multis familiis, & cum cæteris populis tam nobiles quam inobiles*, até que sabendo das victorias de Affonso I, *dum talia audivimus*, regressou a Lugo, sua patria, como se pensa, cuja Sé restaurou e cujo territorio colonisou por ordem do rei.

O exodo estava, como se vê d'este exemplo, no animo da gente: e o rei asturiano tornando-o extensivo a todos, em vez de violentar, regularizou, por assim dizer, uma corrente já estabelecida.

¹ *Rev. de Guim.* vol. v, pag. 8.

² *Esp. Sagr.* tom. 40, Apendice XII; Herc. : *Hist. de Portug.* tom. 3, pag. 267-268.

A chegada dos musulmanos opéra uma perturbação total. Poucos dos habitantes continuam a viver nas duas cidades então existentes, Porto e Braga: os dos castros defendem-se, enquanto podem ou fogem, assim como os residentes nas *villas* e *villares*, retirando-se á aproximação dos invasores e voltando ás suas casas, quando estes partiam, ou então vagueavam pelos logares desertos, como o bispo Odoario.

Este curto prazo de *trinta annos pouco mais ou menos* ¹ de dominio musulmano, cheios de lutas incessantes, n'uma terra montanhosa e por isso adequada á resistencia, e com um clima pouco do agrado dos africanos, não lhes permitiu fixarem-se definitivamente, occupando antes a região *mais como fronteira que como provincia pacifica e socegada*; ² e n'estas condições esteve, até que Affonso I a reconquistou e despovoou, matando os invasores que não puderam fugir e levando comsigo os christãos que encontrou no caminho.

Depois d'esta época, meado do seculo VIII, em que se passaram tão memoraveis acontecimentos, a conquista musulmana e a reconquista asturiana, o ermamento e o começo da repovoação, segundo logo se verá, os arabes aproveitando-se já das discordias dos condes galegos, já da pouca defeza da terra, voltaram por mais d'uma vez, talando e assolando os campos, mas sempre em correrias ou guerras transitorias, sem nunca mais se poderem estabelecer, na qualidade de senhores ou dominadores.

Entre as campanhas posteriores mais notaveis, convém mencionar a de Al-mansor e seu filho (997-1008). Entre essas a mais famosa e que por um momento pôz em perigo a monarchia de Oviedo é a do anno 997: «atravessou, diz Herculano, aquella parte da antiga Galiza, chamada hoje provincia d'Entre-Douro-e-Minho e vencendo os obstaculos que lhe oppunham os homens e a natureza n'aquellas regiões montanhosas, chegou aos muros de Compostella... D'ali avançou para o lado da Corunha... retrocedendo pela provincia de Leão, que de novo assolou, recolheu-se a Cordova...» ³

E não pequenos deviam ser de facto esses obstaculos; n'este tempo a sociedade minhota já estava organizada e a cultura adiantada, com um trabalho de mais de dois seculos.

¹ Argote: *Mem. H. Ec. Ar. B.* III, pag. 283.

² *Ibidem.*

³ *Hist. de Portug.* I, pag. 147-154.

No regresso a Cordova tomou pelo caminho de Leon. Foi uma guerra passageira : não deixou atraz de si senão os desastres que acompanham a marcha dos exercitos. Mas não conquistou, nem povoou cidades, como fez em Coimbra, que destruiu e sete annos depois repovoou de sarracenos. ¹ Por outro lado tambem como desde Ordonho III as fronteiras da Galiza chegavam provavelmente ao Mondego, ² o maior numero das invasões referidas ali pelos chronistas d'uma maneira vaga, é de crêr, não ultrapassavam o Douro.

D'esta fôrma as armas de Affonso I terminaram por 740, mais ou menos anno, o dominio sarraceno ; pelo curto prazo que durou não teve a menor acção nem ethnicamente nem d'um modo directo na civilização e adiantamento. D'elle não ficou nenhum monumento em toda a provincia, nem vestigios na legislação e costumes, restando apenas uma tradição vaga e indecisa, que na intelligencia popular se confunde ora com os tempos pagãos ora com a moderna invasão franceza.

No meado do seculo VIII começa o periodo asturiano, extendendo-se até 1097.

O Minho ermo por alguns annos, em consequencia d'essa leva da população, principia a repovoar-se : e que realmente a maior parte da gente fôra levada, não pôde haver duvida : sirva d'exemplo o despovoamento de Braga e suas circumvisinhanças.

Rechacados os estrangeiros além do Douro ou porventura do Vouga, o grande rei tratou logo da recolonização, necessaria para aproveitar os enormes tratos desertos, e para dispersar essa aglomeração d'homens que a sua politica providente accumulára em espaço tão restricto, mas podendo de futuro converter-se em grave perigo.

A colonização seguiu, como era natural, a mesma direcção da reconquista. Logo, o primeiro territorio remido, foi tambem o primeiro a restaurar, encarregando Affonso I d'esses trabalhos o Bispo Odoario ; e d'ahi veio descendo gradualmente pela Galiza abaixo.

Possuimos felizmente um documento precioso, comprovati-

¹ Herc. : *Hist. de Portug.* I, pag. 150.

² *Ibidem.*

vo não só do ermamento, como da repovoação, seguindo na sua marcha a mesma linha do norte a sul. É a sentença da demanda suscitada, posteriormente no tempo d'Alfonso v de Leon, entre a gente de Braga e Pedro, Bispo de Lugo. ¹

Inquirindo este ácerca das povoações pertencentes á sua diocese, achou que os Condes se tinham apoderado violentamente (*fortiore*) do territorio de Braga, tornando-se os seus habitantes *extranei* ao serviço da mesma Sé, tendo sido levados para ali pelo Bispo Odoario, Froilano e seus successores. Dizia Tardenato « *qualiter pressit Domno Odario Episcopo Civis² Lucense et Bracarense de Succo mortuorum et restauravit eas et populavit eas ex plebe familia servorum suorum.* » Tomaram-se testemunhas na localidade: parte d'ellas concordou na affirmativa de Pedro e de Tardenato, seu advogado: contestaram outras, retorquindo que seus paes tinham vindo de Oviedo na qualidade de *pressores* (nobres): ao cabo do debate conheceu-se pelos depoimentos testemunhaes, apoiados por escripturas, ser de facto a população d'extracção lucense; mas de Lugo ou de Oviedo, sendo provavel que no tempo da demanda a houvesse d'uma e d'outra procedencia, fica demonstrada a proveniencia dos colonisadores. Os nomes mencionados no documento, testemunhas, advogados e confirmantes são hispano-godos.

A repovoação parece ter principiado entre 753 e 786, morrendo n'este anno Odoario, quando se empregava n'ella. ³ Colonisação do territorio mas não restauração definitiva da cidade. ⁴ A população rural, uma vez implantada, persistiu e foi-se desenvolvendo e multiplicando sempre, em despeito da instabilidade dos primeiros tempos.

Desde aquella data os povoadores rusticos affluem com rapidez; em 832 Affonso II na doação á Sé de Lugo declara — « ... *praedictas civitates Bracharam et Auriensem cum suis*

¹ Argote: *Mem. H. Ec. Ar. B.* III, Doc. VII; Herc.: *Hist. Portug.* III, pag. 290.

² Civis, em latim barb. *cidade*; *Esp. Sagr.* tom. 40, pag. 91.

³ *Esp. Sag.* tom. 40, pag. 103-104.

⁴ Sujeita ás invasões subseqüentes, ora meio reedificada ora tornada a dismantelar, só foi reconstruída definitivamente no tempo de Fernando Magno (1037-1065) ou de seu filho Garcia que herdou a Galiza. (*Esp. Sag.* tom. 15, pag. 178 e seg.).

Provinciis et familiis: » ¹ a ultima palavra não deixa duvida sobre o augmento da povoação. Em 841 o mesmo rei designa já a nossa região com o nome que ha-de conservar no futuro — ... « *totius Gallæcia seu PORTUGALENSI PROVINTIÆ summum suscipiat Præsulatum.* » ² E nove annos depois (870) já encontramos titulos completos e sobre si de transmissão de propriedades rusticas, nos PORTUGALLÆ MONUMENTA HISTORICA, além dos que por incidente se mencionam nos documentos anteriores das duas dioceses do norte.

Essa colonisação official, como diriamos hoje, pois, cre-se, ³ foi ordenada por Affonso I e com certeza fomentada pelos seus successores, já por intermédio dos bispos de Lugo e tambem dos Condes, essa devia naturalmente ser acompanhada pela espontanea dos antigos cultivadores, que fugidos ou emigrados, como se expôz, voltariam ás suas *villas*, desde que a terra estava livre, juntamente com os outros que o refluxo trazia para baixo de procedencia galaico-asturiana.

Esta gente desdobrando-se, dispersou-se por toda a região. A leitura d'esses primeiros documentos relativos ás Sés de Lugo e Oviedo deixam-nos a impressão geral e indelevel da identidade de raça e costumes desde a ponta noroeste até ao Douro. Sente-se que homens da mesma estirpe, com a mesma lingua e habitos, servindo-se de termos identicos para designarem as pessoas e cousas, pensando e vivendo da mesma maneira e dirigidos por um impulso uniforme se desprenderam dos estreitos limites asturianos á medida que renascia a paz e a segurança.

Os colonos galegos, asturianos e porventura alguns leonezes, juntos aos antigos, pertencendo todos já anteriormente com toda a probabilidade á mesma familia, começaram desde então a cultura, que nunca mais se interromperia, dispersos em *villas* e *villares*.

Durante este periodo, a colonisação dentro da provincia veio descendo passo a passo dos terrenos mais montanhosos e por isso mais a salvo das incursões para os do sul, mais abertos, até que se estendeu abraçando todo o territorio, n'um termo relativamente curto para essa época.

¹ *Esp. Sag.* tom. 40, Apendice 15, pag. 372.

² *Ob. cit.* tom. 40, Apendice 16, pag. 378.

³ *Ob. cit.* tom. 40, pag. 104.

Os casaes d'um vale ou d'uma encosta, separados por bravios ou matagaes dos que estacionavam n'outro vale ou na vertente oposta do monte visinho, mal defendidos, — quantas vezes por uma torre de madeira! — estavam incluídos nos diversos condados em que se dividia a região. Os Condes, governando pelo rei, introduzindo e assentando colonias, ao mesmo tempo que no *fossado* ou na guerra commandavam as suas hostes de lavradores, viviam no meio d'elles, a cada passo rebéis, com esta braveza e semi-independencia d'esses tempos rudes, em que o homem frequentemente trocava o arado pela espada ou pela lança.

Por entre as pobres *villas* construídas á pressa levanta-se sempre o campanario tosco da ermida rural, onde o cultivador irá buscar a suprema consolação das almas crentes, quando a sorte das armas lhe fôr adversa ou a natureza com as suas intempéries lhe destruir o grangeio dos campos. Onde aparece a cultura, aparecem tambem logo essas humildes igrejas que serão o nucleo das futuras parochias, d'um mosteiro ou d'um povoado.

Para onde fôr o cultivador vae sempre comsigo o sentimento religioso, seguindo-o e acompanhando-o com a mesma persistencia, como elle se enraiza ao solo. Amando a terra tão fervorosamente como ama a Deus, estes dois sentimentos, confundindo-se no seu espirito, teem sido constantemente, hontem como hoje, o seu unico ideal.

Depois, com a estabilidade do governo e a confiança, proveniente do avançamento da conquista para as regiões do sul, juntamente com a população rural começa a desenhar-se a urbana. Renascem as duas antigas cidades, Porto e Braga: e os burgos perto d'um pequeno mosteiro, quer abrigados por um castello mais forte ou localizados á foz d'um rio crescem lentamente, transformando-se nas novas cidades que representarão mais tarde um papel da maior importancia na economia da provincia.

Encorporada esta na monarchia asturo-leoneza, durante tres seculos e meio a sua historia e desenvolvimento são identicos a todo o noroeste da peninsula. Governada por condes e bispos, ora batalhando nos *fossados* ora cultivando os seus campos ou rompendo os incultos, colonizando, edificando casas, igrejas e cidades, assim foi crescendo no meio d'essas duas guerras de cada dia — a correria contra o inimigo e a cultura d'uma terra inicialmente pobre, esta raça pesada, sem qualidades brilhantes, mas forte e tenaz, agarrando-se agora

ao chão com a persistencia das plantas invasoras e adquirindo passo a passo o sentimento nacionalista que em breve desabrochará para não mais se extinguir.

A PROVINCIA PORTUGALENSE, que existia já desde quasi o principio do seculo IX, visto ser nomeada em 841, limitava-se n'essa época com toda a probabilidade no Douro ou porventura no Vouga.

Depois adiantando-se as conquistas ao meio-dia pela faxa do litoral, a mesma designação seguia os conquistadores e ia compreendendo os novos districtos, de modo que por 1095, chegaria ao Mondego ou ao Tejo, ou retrocederia ao primeiro rio, conforme a conquista indecisa d'essas terras passava do poder musulmano para os christãos, ou voltava d'estes para aquelles.

Mas n'aquella data governava *com certeza pelo menos nos districtos de Braga e no Minho* portanto, o conde Henrique de Borgonha, dependente de Raymundo que commandava em todo o territorio. Dois annos depois Henrique governa tudo, substituindo-se ao primo. ¹

Postos de lado os acontecimentos que ultrapassam as nossas fronteiras, e que ficam fóra do estudo presente, o Conde Borgonhez começa com os francos que o acompanhavam, se não um governo independente pelo menos sufficientemente distincto, pois d'elle sairá em breve a nação portugueza.

As noticias extremamente escassas do seu governo não permitem avaliar com a extensão necessaria a influencia que os recém-chegados tiveram como elemento ethnico.

Conhecem-se todavia duas colonias francas, uma em Guimarães, outra em Caminha. Além d'estas, muitos cavalleiros, padres e soldados d'aquella nação deviam cercal-o, como supõe Herculano. ² É de crêr que muitos d'esses se fixariam de preferencia n'esta provincia, já desde ha muito com um governo regular e a salvo de novas irrupções, partindo depois para as *presurias*, com homens d'armas, ou com colonisadores, seguindo o movimento geral da população.

¹ Herc. *Hist. de Portug.* I, pag. 193 e seg.

² Ob. cit. III, pag. 213-214.

Todavia ha-de-se entender que a sua acção devera ser muito mais e mormente importante na direcção dos negocios, organização social e disposição dos espiritos.

Influenciada assim a administração do Condado por homens d'aquella nação, tendo já as suas instituições determinadas e reguladas, no principio do seculo XIII (1128) Affonso Henriques, transformando-o em monarchia, veio estabelecer a sua côrte e o seu primeiro governo no centro da provincia, como quem conhecia pelos successos anteriores o valor dos homens que a povoavam, sem o qual e acaso sem esse sentimento nacionalista seriam baldados os seus esforços.

Foi d'aqui que se lançou effectivamente á conquista do seu novo reino, acompanhado e sustentado por essa nobreza, feita nas campanhas de quatro seculos e pelos soldados peões, endurecidos n'ellas, tão fortes na peleja, como na cultura dos seus pobres terrenos graniticos.

Mas quando a nova nação teve pela força das circumstancias de se desenvolver ao sul, em vez de se formar ao norte com a Galiza, segundo o desejavam o Conde Henrique, a sua formosa e astuta viuva e no principio o proprio filho, formação naturalmente indicada pela homogeneidade de raça e costumes, — patenteou-se então essa differença, subsistente ainda hoje, entre o povo ao sul do Douro ou do Vouga, sarracenisado pelas colonias extra-europeias recebidas no longo dominio musulmano, e o do norte que se conservou hispano-suevo ou godo.

É certo que o sul, com as suas colonias francas e a emigração constante d'aqui, tem recebido sempre desde a fundação da monarchia elementos do norte; assim se tem delido muita dissimilhança; mas o fundo tornado ahi sarraceno, no sangue e costumes, deixa a claro essa diversidade, resultando d'ella não ser Portugal uma unidade ethnologica do mesmo modo que não representa uma expressão geographica.

Esboçando a traços largos esta longa e obscura historia, tentamos notar com brevidade as differentes moleculas que em cada periodo vieram adicionar-se e sobrepôr-se umas ás outras de modo a formarem a população, que se constituiu definitivamente no fim do seculo XII.

Primeiro ligur, pura ou mesclada, romanisada depois, em seguida recebendo uma infusão de sangue suevo e godo, e

com elle instituições e costumes do norte da Europa, conquistada e dominada por um momento pelos arabes, confundida e misturada com os seus irmãos galaico-asturianos desde o meado do seculo VIII por diante e por fim recebendo com o advento do Conde Henrique algum sangue franco e sobretudo a preponderancia d'este na organização social e disposição moral — no meio de guerras, invasões, convulsões e devastações assim se produziram os homens que povoam presentemente a região do Minho, raça misturada e procedida pelo cruzamento d'um elemento meridional, ligur romanizado, que devia ser ou mais numeroso ou mais absorvente, com outro do norte, suevo-godo-franco.

A observação confirma as indicações fornecidas pela historia. De feito, observada a população de perto, é visivel o cruzamento de dois typos, que se fundiram reciprocamente, de sorte a haver em quasi todas as familias exemplares differentes, desde o cabello louro claro e a carnação branca, passando por todas as gradações, até ao cabello preto e á carnação morena. Quando os cabellos são pretos, os olhos são frequentemente azulados, quasi sempre pardos ou cinzentos e as feições brancas; a côr trigueira provém em grande parte do trabalho ao ar livre.

Geralmente as crianças teem os cabellos louros, que na idade adulta se tornam escuros. Os primeiros são mais communs nas mulheres e nos homens não raras vezes a barba é loura e o cabello preto. Todavia este ultimo e mormente o castanho escuro é o mais predominante, d'onde parece que o elemento meridional era mais numeroso ou absorveu o outro. Em todo o caso os filhos dos mesmos paes apresentam vulgarmente os dois typos differentes, e a cada passo se vêem irmãos com o seu dissimilhante, do norte e meio-dia. O mesmo factó reproduzindo-se em todas as classes, indica que o cruzamento foi geral e que todos, pobres ou ricos, teem a mesma progenie ethnographica.

.....
